

2  
Celestino  
Uma história de Camila Justino Salazar

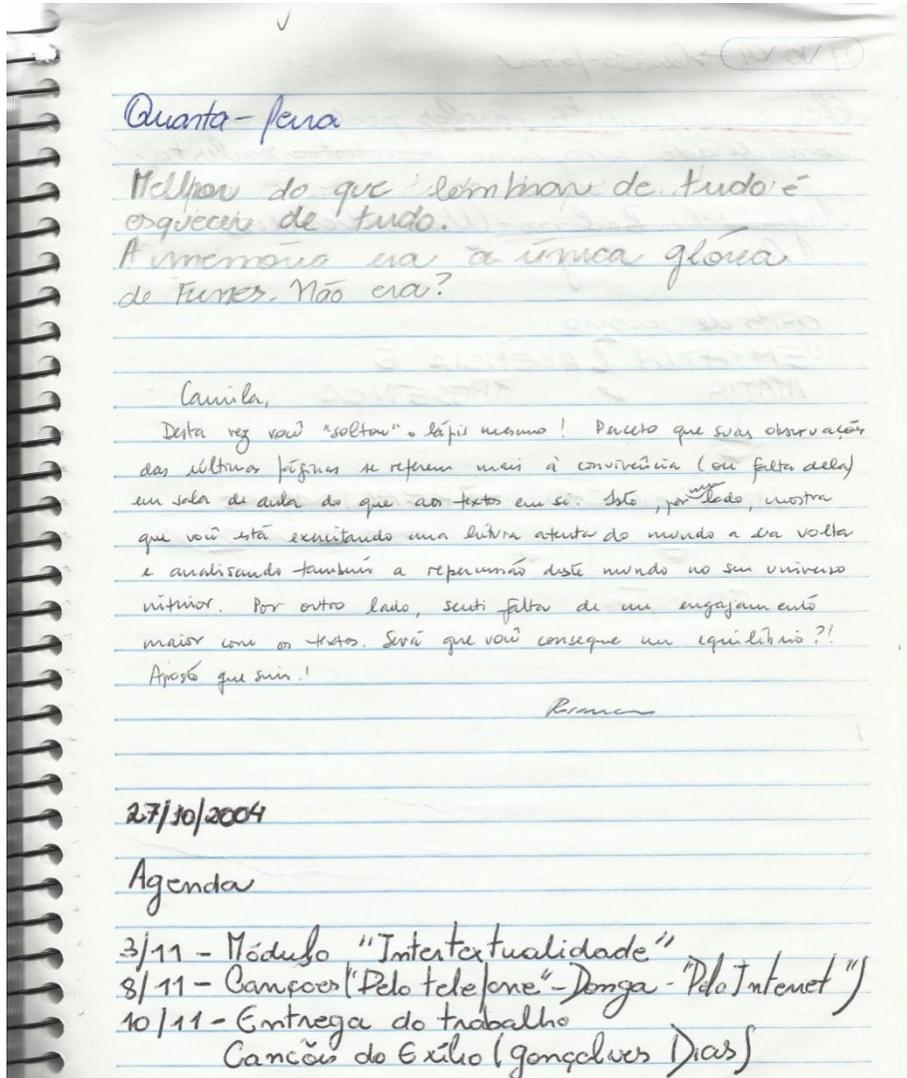


Figura 2 – Anotações II

## 2.1 Livro um

### 2.1.1 Capítulo I

É uma vez, um lugar grande ocupado por pedras, águas, substâncias verdes e coloridas. Há também partículas invisíveis e mais das outras partículas visíveis como animais, pessoas e outras coisas. Nesse lugar vivem os seres visíveis do tipo humano espalhados em ruas, praias, chuvas, continentes e cidades. Para se chegar a esse lugar é preciso nascer e para sair de lá é preciso apenas morrer. Os nascimentos são registrados e até celebrados. Cada novo humano no mundo ganha um código e um nome para carregar durante a vida. O nome é definitivo, algo para ser lembrado e chamado. A morte, geralmente, é uma coisa considerada triste porque nem sempre os humanos gostam de ver outros humanos próximos irem embora. Quando vão embora pela morte dizem que é para sempre, e ainda choram. Mesmo a morte sendo triste, alguns humanos tiram a vida de outros seres humanos semelhantes, para isso é preciso “*querer vingança*”, “*ser pago*” ou “*ter medo*”. Esse ato é chamado em verbo: o verbo matar. Entre nascimento e morte existe o que chamam vida. A vida pode ser feliz ou não, pobre ou cheia, longa ou curta, monótona ou pipocada e mais outros nomes. A forma de dar sentido para as coisas e sentimentos é pelo que chamam da linguagem. Para dar exemplo: agora estou na linguagem. No nascimento, ganha-se um nome feito de linguagem, um sobrenome também, depois se cresce e todas as coisas que entrelaçam a vida ganham nomes. Os nomes existem para dar explicações, características e muitas vezes para dar existência. Existem as coisas que se pode pegar e tocar, que se chamam de objetos. Os objetos são pegáveis, têm textura, tamanho, calor, frio e cor. Pode sentir pelo toque das mãos, que são duas pequenas partes que crescem das pontas dos braços do corpo do ser humano. Além de tocar, existe outra forma de comprovar a existência dos objetos, basta ver a coisa. Ver é considerado enxergar o que existe, uma prova de que realmente um alguém ou uma coisa está lá, diante dos olhos! Para os homens, a visão depende dos olhos, que são nada mais do que duas pequenas bolas dentro de buracos na face. Pode-se ter bolas de olhos verdes, azuis, pretas, marrom e outros tons variáveis como caramelo e cinza. Os homens cegos enxergam com as mãos. Os humanos tocam outros humanos, se

tocam, podem tocar quase tudo graças a essa estranheza que é o corpo humano. Os nomes existem para dar características para as sensações. Os humanos podem tocar um objeto e depois dizer alguma coisa sobre esse objeto. Como: *isso é uma laranja, a laranja é doce e eu gosto dela, você gostaria de um pedaço?* Só é possível criar a sentença sabendo da existência dos nomes, é preciso saber usar os nomes, colocar em ordem. Confusão. A linguagem é de um complexo sistema de operação que esses humanos usam para a comunicação. Muitas coisas podem ser ditas a respeito de tudo, só é preciso pensar e dizer. Até dizer sem pensar também pode. Depois de aprendido o nome das coisas, é muito comum criar e brincar com esses nomes. Pelas palavras é possível amar e odiar. É possível dizer que ama, dizer que odeia, é possível mentir. Mentir é dizer uma coisa não verdadeira como ter uma laranja nas mãos e dizer que é maçã. Os humanos não gostam de ouvir “maçã” quando olham laranja (salvo alguns!). Nem todas as mentiras podem ser desvendadas. Amar e odiar estão na parte dos sentimentos. Os sentimentos não são como os objetos. Os sentimentos não saem de formas para pegar e tocar, é para sentir. Os humanos sentem muitas coisas invisíveis, coisas incontroláveis. É um misterioso, estes tais sentimentos que causam grandes confusões nesse lugar. Mas muitas coisas das boas são criadas pelos sentimentos, como livros de amor. Livros podem falar dos invisíveis e dos visíveis. Muitos filhos são nascidos desse sentimento compartilhado por um homem e uma mulher, alguns são nascidos do homem e do cientista, isso depende. Dos sentimentos brotam muitas coisas tangíveis. Na verdade, o ser humano é guiado pelas partículas de sentimentos durante toda sua vida.

Celestino é o nome de um garoto que vive. Celestino mora com seus avós numa casa cor roxa na rua de nome que não é possível saber, de número 111, num lugar perdido dentro desse vasto lugar onde se vive. A rua que está lá é achável, basta seguir as coordenadas de qualquer mapa. Não é difícil encontrar o garoto com nome de Celestino.

...

Porque lá existe o tempo para medir espaços invisíveis de ar. Segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses, tudo numericamente combinado e planejado. Criar tempo é uma boa forma de se localizar. Os humanos se

localizam. É no espaço (uma área de terra) e no tempo (cálculo do espaço invisível). Todo dia existe uma mesma hora que já aconteceu no passado e que vai acontecer no futuro. Como exemplo, posso dizer que agora são duas horas da tarde. Ontem também teve um momento em que eram duas horas da tarde. Amanhã também existirá um momento em que eu poderei dizer: *São duas horas da tarde*. É para isso que os humanos criaram os dias e os anos: para organizar a vida. *Agora são duas horas da tarde do dia 06 de novembro de 1913*. Pronto. Parece estar resolvido. O tempo não se repete por conta dessa invenção do tempo: o calendário humano. Uma vez passado o momento exato das duas horas da tarde do dia 06 de novembro de 1913, é sabido, entre os humanos, que esse tempo nunca se repetirá, nunca se confundirá no espaço. Para os humanos as horas são únicas e os tempos vividos são vividos apenas no chamado presente. Existe passado para algo que já passou e futuro para algo que ainda não chegou. Não é possível voltar ao passado nem ir para o futuro. Ou se espera o futuro ou se corre atrás dele, sem nunca chegar lá. O presente é considerado o tempo real das coisas que acontecem e poucos estão dispostos a encará-lo como tal. Mesmo cada dia sendo um novo dia, nunca repetido, e cada hora sendo uma nova hora nunca repetida, muitas vezes os dias parecem se repetir para os humanos. Muitos deles vivem no passado sem estarem lá. Depende do sentimento do humano. O tempo é uma coisa determinada pelo calendário e também pelo sentimento do humano. O tempo pode ser invisível assim como os sentimentos.

Celestino tem muita saúde. Ele pode nem notar que já possui um corpo de quase homem, Celestino não percebe que todo dia cresce um pouco, mal se olha no espelho, até porque só há um bem pequeno em sua casa. O espelhinho fica dentro da gaveta do pequeno móvel do banheiro, às vezes passam muitos meses sem que ninguém tenha curiosidade de se olhar.

Ninguém sabe onde estão os pais de Celestino, nem os primos, nem tios, irmão... Parece que todos desapareceram, mas ninguém sabe o motivo. Celestino não perde tempo pensando nisso porque ele tem muito o que fazer em casa. Seus avós, apesar de serem caducos, possuem o que chamam de maravilhosa memória. Conseguem lembrar de tudo o que aconteceu no passado, como aquela história do Rei que foi enfeitado e por isso tinha as pernas de mármore, se lembravam também do macaco que tem a caligrafia espetacular e da montanha negra que

possuí o imã da desgraça. Se lembram de tanta coisa... E como que pode uma pessoa não ter força para andar, mas ter força para lembrar?

Celestino começou a suspeitar que para ter lembrança não precisava de força porque, nesse caso, era só guardar para dentro sem fazer qualquer movimento.

No lugar perdido em que Celestino mora, existem cerca de trinta e cinco casas. A rua que separa as casas é de chão batido, as casas ficam meio amareladas por fora e a poeira é também um morador daquela cidade, afinal, ela vive invadindo os cômodos mesmo que seus moradores passem sempre pano úmido no piso.

Celestino vai para a escola todos os dias. A escola é um lugar em que os meninos devem ir. Lá eles aprendem coisas para um futuro bom, como fazer contas de matemática, entender de geografia e história, decorar tempos verbais e mais um monte de coisas que até podem ser esquecidas depois, mas, enfim, é o lugar certo para colher o futuro incerto. Ele gosta muito de aprender, mas ele não gosta muito da escola porque é preciso paciência para ficar tanto tempo sentado. Na sua turma existem meninos e meninas da idade dele, existem os bonitos, os que gostam de roer unhas, os que choram mais ou menos, gordos, chatos, dos tipos legais, quatro olhos, engraçados, cada um de um jeito e uma cara diferente, mas igual também porque estão todos naquela fase. Os meninos e meninas dessa idade já não se acham naquela fase. É difícil, por exemplo, acordar muito cedo quando se está tendo um sonho muito bom. É difícil estudar para provas que pedem questões tão desinteressantes quando, na verdade, poderia-se estar gastando esse tempo subindo numa árvore para pegar jabuticabas e falar de coisas indecentes e desconhecidas para eles. As meninas gostam menos de correr e brincar. Gostam mais de se reunir em algum quarto com porta fechada para ouvir música e passar o dia inteiro falando de coisas indecentes e desconhecidas. Alguns colegas de Celestino até gostam de estudar, parece que é por causa de uma vontade que vem muito forte e de dentro, como aquela menina, a Conceição, que adora fazer o dever de casa.

...

Celestino não sobe tanto em árvores quanto seus colegas porque se sente responsável por seus avós e não gosta de deixá-los sozinhos. Para falar a verdade, Celestino só subiu na jabuticabeira uma única vez, mas se sentiu tão incomodado que inventou uma desculpa para voltar para casa. Ele não ajuda seus avós por obrigação, ele apenas faz isso porque sente uma coisa forte por eles. Celestino ama seus avós.

Celestino passa grande parte do dia em casa. Enquanto seus avós estão sentados no sofá da sala, ele lava a louça, guarda a louça, lava roupa, faz compras no mercadinho, cuida da horta e ainda mata galinhas do quintal para comerem no dia seguinte. Celestino gosta de cozinhar, sabe cortar o pescoço da galinha, tirar a pele, temperá-la. De vez em quando aproveita o sangue, de vez em quando não. Celestino planta alface, couve, salsinha, cebolinha, tem pé de frutas, joga esterco, rega, planta, colhe. Cuida de flores também porque, apesar de não serem comestíveis, sua avó lhe passou o amor pela natureza. Ele se concentra tanto no jardim que nem ar, nem tempo, nem sentimento experimenta quando vê a cor de uma flor. Vira tudo estátua. Ele consegue esquecer até do seu nome quando cuida de cada coisa que cresce no quintal de casa, mas é apenas avistar um rato correndo pelos fundos ou as primeiras gotas de uma forte tempestade que se lembra de tudo, se lembra inclusive que é hora de dar banho nos avós.

Sua avó se diverte no banho. Gosta de sentir a água caindo no corpo, brinca com a água, às vezes nem quer parar do banho. Cada dia que passa seus avós estão mais velhos, então Celestino conseguiu um banquinho para eles ficarem sentados enquanto passam sabão. De vez em quando Celestino, tem de perguntar:

— Vó, já passou sabão?

— Tôpassano, meu filho.

— Já tem meia hora que tá no sabão, vó.

Enquanto isso, Celestino corre para o varal para pegar a toalha. Passa pelo avô que está sentado no sofá da sala:

— Daqui a pouco é sua vez. Tá, vô?! Tcholevar a toalha pra vó.

Chega ao banheiro com a toalha.

— Vó, já tá na hora.

Afasta a cortina que impede de a água encharcar o chão do piso e verifica apenas pelo olhar se não tem sabão no corpo da avó. Passa as mãos na espuma que ficou atrás da orelha da avó e desliga o chuveiro.

— Vamos?

— Fazer o quê... Tem que ir... — A avó faz cara de mal criação.

Celestino ajuda a avó a se levantar do banquinho, enrola ela na toalha fazendo um bolinho, ela no meio da toalha. Deixa a avó tentar se enxugar sozinha. Ela quase não se mexe. Fica enrolada, deixando que a toalha sugue a água do seu corpo. Na verdade não tem mais força. Celestino, com cuidado, começa a enxugá-la. Os ouvidos, o pescoço, as pernas e o bumbum. Depois passa a colônia que sua avó gosta, a que ele precisa comprar no mercadinho de tempos em tempos. Pede para a avó levantar os braços, o máximo que puder. Ele coloca a camisola e penteia seu cabelo com pente.

— Deixa me ver?

— Como? — Celestino se espanta com a pergunta da avó. Quando foi a última vez que sua avó pediu para se ver no espelho? Nem sabia dizer.

— Onde tá o espelho?—pergunta a avó.

— Deve tá aqui.—Celestino abre a gaveta e encontra o pequeno espelhinho. —Ó, achei.

O garoto passa o espelho para a avó que olha para sua própria imagem refletida. Parece que tenta por alguns segundos se reconhecer. O que será que pensou? Depois fez poses, virou para a direita e para a esquerda. Gostou do que viu.

— Tô bonita sim. Seu avô não mente mesmo.

— Tá mesmo. —Celestino pega o espelho e, antes de guardar na gaveta, encontra sua imagem refletida ao acaso do segundo.

Vários eventos acontecem ao mesmo tempo nesse lugar, pessoas compram pão, tomam remédios, vão ao trabalho, se locomovem a pé, de carro, metrô, bicicleta, cavalo, avião, camelo. Pessoas menores brincam, outras maiores também, alguns expressam emoções de tudo quanto é tipo, planejam o futuro ou fogem do passado. Pessoas são percorridas pelas horas, pessoas estão com dor de barriga, assistem televisão, que são caixas com imagens coloridas. Pessoas inventam e não inventam, pessoas deixam pessoas menores crescerem em suas barrigas, outras pessoas dormem, muitas outras acordam, correm. Existem relógios por todos os lados e os relógios contam o tempo, avisam o tempo. Alguns relógios falam, outros despertam e ainda existem aqueles que param. As pessoas fazem isso e aquilo no decorrer do dia, que é um período de 24 horas. Sendo 24

horas sempre e sempre. Pessoas esperam na fila. Existem filas espalhadas por todos os cantos desse lugar. As filas são formadas por várias pessoas que esperam. Se espera para pagar uma conta, se espera no supermercado, se espera para o doutor avaliar, se espera na biblioteca, se espera dentro do carro em uma fila de carros, se espera para ter um chiclete. Esperar é um verbo, uma ação sem movimento dos corpos. Às vezes pode coçar a cabeça, mexer na bolsa, mexer o corpo enquanto se espera na fila. Para chegar sua vez não há outro jeito senão esperar. Pessoas podem esperar sem estarem na fila, esperam um marido, esperam o carteiro, esperam um beijo, esperam a água ferver, esperam resultados e notícias, esperam milagres. Esperam o que não está para acontecer e mesmo sem esperar alguma coisa pode estar para chegar. Enquanto elas esperam, dentro da cabeça uma coisa pode se movimentar: é o pensamento que não para. Porque esse parece quieto e calado, mas não é. Enquanto no lugar esperam-se muitas coisas de todos os tipos, no lugarzinho pequeno onde existem aproximadamente 35 casas, para ser exato, naquela rua, as pessoas também esperam. Esperam pacientemente a noite chegar.

Quando a noite já está formada apenas de barulho do mato, a poeira fica quase adormecida e Celestino vai fechar a janela para impedir o friozinho da noite. Seus avós dormem e roncam. O garoto entra em seu quarto e senta na cama sem saber o que fazer. Ele não faz nada, mas sente tanta coisa fazendo dentro dele, escuta o coração batendo, o movimento do ar entrando e saindo do nariz, olha para as mãos e percebe um caminho de veia que está carregando sangue dentro dele.

Como é que pode isso? Celestino acha tão esquisito ser quem ele é.

Eu, hein! Coisa esquisita. Deita na cama.

Nada para pensar e isso já é um pensamento. “Amanhã tenho que ir no Tiziu comprar arroz.”

Celestino dorme experimentando a solidão.

## 2.1.2 Capítulo II

O dia começa primeiro pelo galinheiro e depois vai indo de pássaro em pássaro até ter a força de virar luz que escorre pelas frestas de todos os lugares. Entra em tudo quanto é coisa, até fundo na água. E as cores vão surgindo: cor de verde e azul. Tudo que é preguiça vai virando outra coisa: hora de levantar. De repente, é um novo dia e uma nova hora para começar tudo de novo, ou tudo de velho.

Celestino já está de pé faz tempo. Já deu de comer para os bichos, já comprou pão e fez café, passou manteiga, fez o pão em pedacinhos, deu de beber o café para os avós. Já abriu as janelas, já deixou escorrer o prato e a caneca na pia. Já espantou mosca e matou aranha, já juntou lixo, já fez para o almoço, já um monte de coisas para todo o dia que seguirá seu caminho.

E vai para a escola. Dá “oi” para os homens que vão trabalhar nos sítios ali perto. Encontra alguns colegas pela rua. Vão se juntando em bando. Vão todos para a escola.

— Ô, Celestino! Ontem tavam falando de você.— Chega o Ronaldo perto dele para conversar.

— Quem?

— A Ana junto com a outra, a Josiane.— Ronaldo mal começava a falar e já estava rindo por tudo quanto é lado. Os colegas todos em volta de Celestino.

— Ah, sei. E falando o quê? — Pergunta Celestino.

— Que *cê* tem o corpo igual o daquele outro lá. Esqueci o nome.

— Do Régis *Istar*.— falou o outro menino que estava ao lado.

— E como é o corpo desse? — Quis saber Celestino.

— É o corpo que as meninas devem de gostar, deve.— Ronaldo desabou mais ainda no riso.

— *Cê* tem que ir na festa. Aí você pode beijar as duas. — Conclui Ronaldo.

— Que festa? — pergunta Celestino.

— A festa da Santíssima.

Celestino sorri contente da novidade que ouviu: meninas comparando ele com Régis Star até que pode ser uma coisa boa. Meninas falando dele sem que ao menos supeitasse. As meninas que quase não falam com ele, ele também não fala com elas. Mas elas olham, eles se olham, tentam adivinhar coisas que pensam, de

como é sem roupa. Todos da classe mudando juntos, tudo transformando sem perceberem direito.

— Vou vê se vou. — disse Celestino para os amigos que comemoraram alto a resposta.

A possibilidade de ir para sua primeira festa, que é de uma santa da igreja, não alterou a rotina de Celestino, embora alguma coisa tivesse fisingando dentro do seu corpo. Continuava realizando impecavelmente suas tarefas dentro de casa com a diferença que suas pernas estavam mais compridas.

— Vô! Como o senhor conheceu minha avó?

— Eu conheci sua avó por engano.

— Como se conhece por engano?

— Não era para conhecer ela, mas acabou que foi um engano e ela apareceu.

— E ela sabe que vocês se conheceram por engano?

— Ela disse que foi por conta do destino.

Enquanto Celestino ia ao mercado comprar arroz ia pensando sobre engano e destino. Será que Josiane e Ana fazem parte do seu destino ou engano?

No mercadinho, Tiziu, o proprietário, folheava o caderno de contas.

— Ei, Tiziu!

— Como vão os avós, Celestino?

— Vão bem, Tiziu. Eles mandaram dizer que Deus te abençoe.

— Manda a bênção de volta.

Todos os moradores adultos desse lugarzinho podem ir ao Tiziu comprar as mais variadas coisas, arroz, sabonete, vassoura ou cachaça. Compram e anotam os produtos no caderninho para no final do mês pagarem. Celestino é menino, mas já tem seu nome no caderninho. Nenhum menino da sua idade possui uma conta com nome próprio, mas como todos já sabem, os avós do Celestino possuem as pernas tão fracas e doídas que o neto acabou se responsabilizando pelas compras e pelo pagamento das necessidades da casa.

No mercadinho, Celestino pega um saco de arroz, passeia mais entre as prateleiras, não vê nada que falta em sua casa, nada que tenha vontade de ter nos armários, nem biscoitos, nem doce. Pensa e pensa, mas não vem vontade de nada. Parado com um saco de arroz na mão, Celestino ouve vozes animadas. Será destino ou engano? Josiane e Ana entram juntas e sorridentes, parecem estar

fazendo besteira, coisa de menina, rir e esconder a cara, falar alto para depois cochichar. As meninas que fizeram elogios a ele, foi o Ronaldo que disse.

Celestino desengonçado só por dentro. Será que finge que não vê? Será que esconde a cabeça e vai embora? Será que diz alguma coisa? E o que se diz? O mercadinho pequeno, não tem como fugir.— Fugir é coisa de covarde.— Pensa. Sabendo que falaram bem dele, precisa se mostrar como menino educado. Enfrenta certo medo e vai até as meninas.

— Precisam de alguma ajuda? Posso carregar para vocês.

As meninas, vermelhas, se antes transbordavam em malícia e cochichos, agora tentam se esconder pelas pontas dos dedos que dá voltas, as mãos, mas não havia como esconder, os olhos baixaram, os pés encolheram e entortaram. Eram meninas.

— A gente veio comprar chicletes.

— Chicletes? Vocês gostam de chicletes? —pergunta Celestino com curiosidade interessada e séria.

— Ué? —Que pergunta esquisita podem ter pensado.—Gostamos. Você não gosta?— Risinhos dengosos saindo dos lábios. Josiane oferece um chiclete com as mãos para Celestino.

— Goma de mascar colorida artificialmente sabor hortelã. — Celestino lê a embalagem. — Obrigado. — Coloca a goma de uma vez na boca.

Josiane e Ana não cabem de tanta coisa que Celestino começa a provocar cada uma delas. O menino empurra com a língua o chiclete no céu boca, sente que não pode controlar aquele troço na boca, coisa confusa.

— Acho que não precisam de ajuda para carregar chicletes.—Disfarça o incômodo do doce. Disfarça por educação. Consegue.

— Não, acho que não precisamos de ajuda! —Só risos, risos largos. Como Celestino é engraçado! Se antes Celestino era bonito como Régis Star, agora fica mais e mais bonito do que qualquer estrela de televisão. E por que será?

— Nesse caso, deixa eu ir porque preciso fazer arroz. Tiziu anota aí no meu nome, por favor. Um saco de arroz.

Já ia saindo do mercadinho quando lembrou:

— Ah! E três chicletes também.

— Pode deixar, menino! Não esquece de mandar a bênção para seus avós!— Tiziu, que já folheava o caderninho, foi buscar a página que pertencia a

Celestino. Mais um saco de arroz para cobrar no fim do mês, e, claro, três chicletes.

— Até amanhã, Josiane e Ana!

— Até amanhã?—indaga uma das meninas.

— Ué?! Amanhã tem aula, não tem?

— Ah! Verdade.—responde a outra.

As meninas Josiane e Ana permanecem imóveis em frente ao balcão.

Celestino não pode perceber, mas aos poucos vai se espalhando de boca em boca que o menino tem uma vocação diferente. O suspiro que Josiane e Ana deram por Celestino fez um ventinho correr e balançar por todos os pescocinhos daquele mercadinho.

Andando pela rua, Celestino masca o primeiro chiclete da sua vida. Por que nunca havia tido interesse de comprar chicletes? Acha que não perdeu nada demais. Quando chegou em casa jogou fora no lixo.

Existem estrelas no céu. De noite e de dia. Mas é quando escurece que os humanos podem ver esses pontos luminosos que formam desenhos ou não. A lua também está lá e é possível a água mudar de tamanho por causa de sua força. Assim, dizem nesse lugar que o mar pode ficar mais cheio ou não, depende da lua. Espaço infinito e escuro cresce para todos os lados depois que o lugar deixa de ser lugar e se torna uma bola de azul no meio de tantas outras coisas sem nome e sem tempo. Tudo é rodopiado e parado, os humanos dizem muito sobre as estrelas e suas posições. Num dia do passado, disseram que no espaço infinito acontecem revoluções. O humano nada pode fazer. Os homens não podem tocar e mexer nas estrelas como num tabuleiro de jogo humano. As revoluções das estrelas são cíclicas, acontecem de tempos em tempos, de forma que não se sabe dizer como o porquê. Do lugar, o homem só pode observar, mesmo que ele mande objetos inventados para perto do infinito, não é possível impedir uma estrela que faz revolução. As revoluções no espaço acontecem porque acontecem, por uma necessidade desconhecida. Nesse lugar onde homens vivem também acontecem revoluções de vários tipos de tempos em tempos. Os homens possuem várias necessidades, os animais têm necessidade de segurar uma presa, o mar tem necessidade de onda e o sol a necessidade de fazer calor e iluminar.

Diferente das estrelas, da lua, do mar, do sol e dos animais, os homens podem pensar e dizer: eu quero; eu preciso. Por isso é comum ouvir os homens

falarem das suas necessidades. São tantas formas de dizer o que precisam. Os homens têm a necessidade de beber água, a necessidade de sentir o amor, a necessidade de ir ao banheiro, a necessidade de se proteger, a necessidade de ter liberdade. Querem ser livres e, por isso, muitas vezes fizeram revoluções assim como as estrelas do infinito. A revolução por necessidade de ser livre. O homem disse então que criou a revolução. Se as estrelas fazem ignorantes suas revoluções, os homens podem fazer as suas com as próprias mãos pensadas, usando de todos os lados do cérebro e do coração.

As revoluções deram direitos e deveres para os homens, libertaram os homens do tipo mulher, essas que viviam dependentes do tipo homem. As revoluções fizeram o lugar girar mais depressa, palavras foram libertadas, saias foram cortadas, lugares foram incendiados, armas foram criadas, prédios foram erguidos, máquinas construídas. A revolução dá em um monte de coisas. Revolução, necessidade, conquista, criação. Conquista, criação, necessidade, revolução. Elas começaram por sentimentos de querer, de necessidade, por causa delas conquistaram-se muitos outros e novos sentimentos. Palavras e coisas foram conquistadas porque a revolução precisou inventar a consequência. O homem não pode jogar com as estrelas, mas pode jogar no lugar, joga por si e pelos outros. E conquistaram liberdade e também a amargura.

Os homens pensam que terminam e finalizam uma revolução. As estrelas terminam e finalizam suas revoluções e continuam brilhando no escuro, sem pensar.

— O Tiziu vai bem, Celestino? —Grita sua avó que está sentada na sala. Sua avó às vezes grita com tanta altura que nem parece doente.

— Vai bem, vó. Encontrei a Josiane e a Ana lá.

— Quem?

— A Josiane do Abreu e a Ana do Getúlio.

— Ah, sei. Josiane e Ana.

— Elas me ofereceram chicletes, aquelas gomas de borracha que fica mastigando na boca. Aceitei e acabei pedindo para o Tiziu anotar os chicletes na conta. O meu e o delas.

— Eu nunca comi chicletes.

— Ah, da próxima vez compro para a senhora. Não é caro, não.

— Obrigada, meu filho. Mas Josiane e Ana não são irmãs, são? Elas me lembram umas irmãs que conheci uma vez.

— Que irmãs?

— As irmãs... acho que tinha uma terceira também. Elas moravam numa linda casa. Muitos homens apareciam lá e ficavam encantados: Como podiam três irmãs serem tão belas?

— E o que acontecia com elas?

— Elas gostavam de festas e ofereciam jantares, sempre tinha alguma coisa de muito fantástico para oferecer. Ouvi falar que na casa moravam também três cachorros cegos. As irmãs só deixavam entrar na casa e compartilhar o jantar e a festa quem promettesse não revelar o que à noite acontecia.

— E o que acontecia?

— Não sei. Era segredo, Celestino!

— Mas você conheceu as irmãs e não ficou sabendo do segredo?

— Conheci, mas logo desconheci. Foi há muito tempo.

— Foi aqui perto?

— Ah, isso que eu não lembro...

— Mas vó, esse não é o caso de Josiane e Ana. Elas não são nem irmãs.

— Mas elas são belas?

— Não sei dizer isso.

— Então não são. Se você não sabe é porque não acha - Comenta o avô que a todo o momento da conversa entre neto e avó parecia estar cochilando.

— Mas não são feias. Pelo menos os meninos da escola acham que são bonitas.

— Meu amor, Josiane e Ana devem ser daquelas que possuem a beleza pronta — A avó disse passando a mão magra e frágil no joelho do avô.

— Beleza pronta?

— Ah, meu filho. Você sabe! É aquela beleza pronta. Quando você olha para uma pedra... o que você acha que uma pedra fez para ficar bonita?

— Ela não fez nada. A pedra não pode fazer nada. Essa beleza é pronta...?— Celestino cheio de dúvidas, conversa, insiste, segue adiante, mas não consegue acompanhar.— Acho complicado, vó.

— É complicado mesmo. Ainda mais que a beleza pronta é um engano. E ao mesmo tempo não é.

Celestino lembra de novo das palavras: engano, destino. Descobre ter aprendido tantas coisas novas e curiosas em um único dia, e ao mesmo tempo tem a sensação de ter desaprendido tudo que pensava saber nesse mesmo dia.

Gotas de chuva grossas começam a cair, fazendo toctocs na telha.

— Vou fechar as janelas e tirar a roupa do varal.

Os avós, sem dizerem nada, continuam sentados.

— Sempre te achei tão bonita quanto uma pedra.— Celestino já está na cozinha quando ouve a declaração de amor do avô para sua avó.

Fecha as janelas Já é noite. Vai no quintal, tira o lençol e algumas roupas de baixo que estão esticadas no varal. O menino se refresca com as gotas de chuva que caem no corpo, só não demora mais porque não quer a roupa toda molhada. Tropeça numa pequena pedra. Não é pedra grande nem de brilhante, é só uma pequena pedra de carvalho. Passa a roupa toda para um braço e, com a outra mão livre, carrega a pedra para dentro de casa. Anda apressado.

Depois de tomarem a sopa, depois do banheiro e dos dentes escovados, Celestino acompanhou os avós até a cama, fizeram a oração de agradecimento do dia e foi ansioso para seu quarto. Estava animado para investigar o objeto que recolhera.

Em sua cama, Celestino senta com a pedra nas mãos.

Pensa e observa sua beleza pronta. É uma pedra sem fazer força para ser pedra. Imagina na existência da pedra, quando será que virou pedra? Como foi? Branca por fora, um pequeno corte nela, dá para perceber que por dentro sai certobrilho. Sim, concordou com a avó sobre a beleza pronta da pedra. Mesmo sem entender sua beleza se sentiu confortável só de olhar.

A pedra não faz nada para ser pedra, só depois de muito tempo com elas nas mãos, quando o sono já esparramava no menino, ele pensou:

— Mas foi a terra que preparou a pedra, ela não se fez sozinha.

No dia seguinte Celestino não ia se lembrar do último pensamento que teve antes de dormir.

### 2.1.3 Capítulo III

P-e-ns-am-ent-o. No lugar, aprende-se a dividir palavras em partes que se chamam sílabas. A palavra pensamento é essa. E não existe coisa para apontar e dizer: Olhe. Isto é o pensamento! Não se encontra para pegar com as mãos. Apesar de que todas as coisas desse lugar foram feitas de pensamento. Acaba acontecendo o inevitável: esse lugar é todo feito de pensamento! Tudo um grande pensamento que se reflete nas ruas, nas casas, nas cidades, nas fábricas e no supermercado também. Tudo, tudo feito de pensamento. Uma pessoinha que nasceu recebe um nome pensado pelo pai. A pessoinha cresce pensando, os outros vão pensando ela. Ela é engraçada, ela é irritada, ela vai ser cantora, canta bem, um tanto de pensamento sobre ela. A pessoinha aprendendo a pensar as coisas que a cercam, vai percebendo, pensando que nem sente. Pensamento do pai e da avó, pensando a abobrinha e a cenoura, eu gosto, eu não gosto. A pessoinha já está grande e agora pode ser chamada de: uma mulher. E ela pensa que vai ser médica. Então, se está pensado, só resta fazer. Vai se especializar nos lugares que formam especialistas. Lá pensa que não gosta mais de ser médica e pensa: Eu gosto de desenhar. E vai fazer outro curso de especialidades. Dessa vez pensa: Vou desenhar brinquedos. Quero criar brinquedos. Depois de um tempo humano, essa mulher criou tantos brinquedos pensados, e esses brinquedos circulam entre as crianças que pensam o brinquedo. Por isso cuidam do brinquedo, estragam o brinquedo, brincam com o brinquedo, brincam com o pensamento da mulher, porque aquele brinquedo é também o pensamento daquela mulher que um dia o pensou. Então, essa onda de pensamento move as coisas e pessoas. Os alimentos são plantados, outros fabricados, são embalados, distribuídos, pensados com intenção de vender e alimentar. Alguns dirigem carros, porém outros vão de ônibus, pensando em chegar em algum lugar no trabalho ou não. Estão pensando e agindo. Tem gente que pensa e não age. Dá no mesmo. No supermercado, uma mulher tem um carrinho de compras, existem 48 itens comprados, estão todos grudadinhos dentro carrinho. A mulher pensa em cada item. Cada item serve para uma coisa, cada item se desdobra em não sei o quê. A mulher vai para a fila e, quando chega sua vez, a mocinha do caixa diz:

— Senhora, essa fila é para pessoas que só possuem 10 itens no carrinho.

— Mas eu não vi essa porcaria dessa placa. Devo sair dessa fila? Dessa porcaria de fila!?! Isso é um absurdo!

Em volta, aqueles que estão na fila esperando sua vez ficam quietos pensando, olhando a mulher, olhando o carrinho, olhando a moça da fila. Um pensamento está circulando. Está brabo!

— Não senhora. Agora que já está aqui... Essa fila é só para quem tem 10 itens. Da próxima vez...

— Eu não vi a porcaria dessa placa! Era só o que me faltava! Porcaria!

Os 48 itens vão sendo tirados com fúria do carrinho. Agora o supermercado deixou de ser supermercado, os alimentos não são mais alimentos, a moça que trabalha no caixa não é mais uma moça, as pessoas que estão ao redor deixam de ser pessoas. Tudo se traduz em pura e completa porcaria. Um lugar porcaria, uma vida porcaria, uma porcaria gigantesca.

Ao redor, as pessoas ficam irritadas. Só pensamento, pensamento-porcaria “Que mulher-porcaria. É por causa de uma dessas...!”. E pensam e pensam. A mulher vai embora da fila porcaria e leva junto seus 48 ex-alimentos, futuras porcarias. Depois desse momento, a moça do caixa fica se sentindo uma porcaria e, por isso, trata o próximo da fila como porcaria que se sente tão porcariado que dali a dez minutos chega em casa achando tudo uma porcaria. Nem precisa dizer que sua esposa, se sentindo porcariada, decide achar a casa em que vivem uma porcaria e decide, por tanta porcaria junta!, que não cozinha mais, não faz mais nada. Vai se transformar definitivamente em porcaria. E nessa noite ninguém come porcaria nenhuma na mesa da sala que é uma porcaria. Cada um que se vire! E mais porcaria!

Até a porcaria ir embora, demora tempo humano. Demora porque pensamento porcaria contamina. É preciso alguém de pensamento que nem brisa boa para reverter tudo. O pensamento do estádio de futebol, o pensamento da vitória ou da perda são pensamentos que os humanos diferenciam, sendo que de um eles gostam e do outro não. O “eu gosto” e o “eu não gosto” são pensamentos que vão e voltam. Tudo desse lugar vem de pensamento pensado.

## 2.1.4 Capítulo IV

Celestino acorda e percebe ter dormido a noite toda segurando a pedra. Sua mão está suando. Como sempre, antes de se levantar, tenta pensar o dia: se já tem comida pronta, se tem roupa pra lavar, o que há para fazer, o que não há. O tempo está sobrando hoje. Talvez seja um bom dia para cortar o cabelo da avó. Está ralinho, mas comprido. Precisa de corte. Já o avô está bem, aparei o cabelo dele semana passada. É, depois do almoço posso fazer isso. A avó vai gostar. Pensa onde está o pente e a tesoura. Posso colocar a cadeira lá fora, ela se distrai vendo as galinhas correrem, só não pode se mexer muito vó. Celestino sorri. Sente um cheiro vindo de fora, e é bom. A terra molhada, as gotas de chuva, cheiro do mato, de tudo que vem de fora.

Se levanta, vai pro banho pra ficar pronto para escola. Depois é que prepara o café.

— Celestino!— Berra o avô da cozinha.

— Tô indo vó! Mas o senhor já está de pé? O senhor está passando bem?—  
Atravessa os pequenos cômodos para chegar logo à cozinha e...

— Laralara! La lalala! Lalalalala!—Avô e avó cantam em total dissincronia.

Sua avó está de batom rosa e o avô está com o terno da missa. No meio da mesa um vaso com lindas flores.

— Mas o que é isso?

— Celestino, hoje completa anos do seu nascimento!

— Hoje?!

— Se esqueceu?

Celestino pega as flores, sente o cheiro, ama aquele cheiro, lembra de tanta coisa, tanta coisa que nem aconteceu. É que se lembra de coisa boa. Lembra.

— Será que vocês podem cantar aquela música novamente, agora na minha presença?—Celestino está rindo. Mas quanto dia diferente do outro! Um dia descobre sobre beleza, encontra uma pedra, no outro já vira de ano, ganha flores. Celestino é o homem mais feliz do mundo.

— Larará! Lá lálá!— Os avós cantam e cantam desafinados.

Celestino os abraça e canta com eles.

— Obrigado, obrigado vó e vó!

Celestino vai para a escola pensando no seu primeiro dia de homem. Ontem não era. Ah, mas até agora com ano a mais sente algo maior do que ele pode explicar, ainda mais assim, de surpresa. Leva nas mãos os presentes dos avós. Flores de todos os tipos e cores bem juntas por um fio de barbante. Tem certeza. Sabe sim que cada flor vem de um lugar mais diferente e longínquo que o outro. Com certeza a laranja deve ter vindo da grande montanha branca que fica escondida no meio do oceano. Quer mostrar para os amigos o presente. Quer dividir seu acúmulo de tempo.

Chega à escola e, antes de bater o sinal, vai para a sala de aula. Fica lá na frente da sala de aula, onde geralmente é o lugar do professor. Espera seus colegas chegarem um por um. As meninas vão se ajeitando. Até Josiane e Ana já chegaram, como sempre com seus risinhos e cochichos. O Ronaldo também, com aquela cara de ontem. Chega aquele e o outro. Estão todos sentados esperando o professor, mas quem está lá na frente é o Celestino.

— Hoje é meu aniversário!— Diz Celestino para todos.

Os colegas batem palmas para Celestino.

— Esquecemos de trazer o ovo para te batizar!— Grita Ronaldo lá do fundo. É costume entre eles pegar um ovo fresquinho e jogar no aniversariante do dia.

Os alunos soltam um “Ah! Que pena!”. Hoje não tem espetáculo do ovo para assistir no final da aula.

— Mas eu trouxe isso aqui.—Celestino pega na mesa do professor o buquê de flores que ganhou dos avós.

— Você vai casar?— pergunta outro colega.

As meninas soltam risinhos engraçados. Será que Celestino vai casar?

— Vou casar não. Queria mostrar as flores que são de espécie rara, vinda de montanhas brancas e cinzas espalhadas pelo mundo. Ganhei de presente, mas como são muitas pra cuidar. Achei que se dividisse, vocês poderiam me ajudar a cuidar. E eu tava olhando: cada flor tem cara de um aqui.

Os alunos sentem uma alegria doidíssima. Um presente desses realmente é algo muito do bom. Em seguida, batem palmas para Celestino, camarada dos legais que só vendo.

— Qual tem minha cara?— pergunta uma voz tímida. A Conceição.

— Eu acho que essa branca daqui, porque tem jeito de inteligente, veio do oriente e muitos humanos que se tornaram pássaros gostam de estar rodeados dessas flores que acalmam.

Conceição se levanta e vai buscar sua flor.

— Coloco no vaso ou planto?

— Tenta plantar, Conceição.— responde o professor que já tinha entrado na sala de aula enquanto Celestino falava. Agora, o professor ajudava Celestino com a distribuição das flores.

Um a um foi recebendo flor do mais diferente tipo, tamanho e cor. Josiane ganhou uma azul-turquesa de beleza rara. Celestino disse que essa veio de um lugar gelado onde moram muitos ursos cinzas. Ana ganhou a laranja que ilumina cavernas e Ronaldo uma cor de rosa que agrada muitas mulheres em muitos lugares desconhecidos e conhecidos. Olhando para a flor é quase possível sentir e saber o que todas as mulheres pensam.

Todos ficaram tão satisfeitos, inclusive o professor que ganhou um trevo de duas folhas de um tipo especial, tão pequeno que mal se podia enxergar, mas possuía um verde tão verde que parecia aumentar de tamanho quando olhado.

No recreio, os meninos deixaram de jogar bola e as meninas nem foram para os cantos para trocar risinhos e fofquinhas. Ficaram todos juntos numa camaradagem boa e agradável comparando flores e histórias misteriosas. Eles combinaram que, de tempos em tempos, iam trocar visitas: Ana queria saber do empenho da flor de Conceição e essa queria ver se a flor de Ronaldo realmente ia crescer. Já Ronaldo achou curioso existir um trevo tão pequeno e fazia questão de visitar o professor. Os colegas não queriam perder de vista o crescimento das flores amigas que estariam separadas, cada uma em uma casa, mas juntas numa amizade boa de se viver.

Até que a vida pode ser uma ótima ideia.

### **2.1.5**

## **Capítulo V**

Sangue pulsando os corpos para a vida. Sangue tem cor de outras coisas que não é sangue, mas só o sangue. Sangue líquido passa pelos corpos, escorre, vai pelas linhas do corpo, bomba, bomba e derrama pelas partes de baixo. Nesse lugarzinho, as meninas crescendo percebiam sangue escapando de seus corpos,

um sinal de que podiam carregar no ventre um coraçãozinho, uma sementinha. Os meninos percebendo também outras coisas saindo dos seus corpos que mudavam, até Celestino, estavam virando homens de verdade. Estava evidenciado, o suor está diferente, a respiração, minhoquinhas de pelos brotando em lugares antes pelados, uma vontade diferente, tudo misturado naquele pequeno lugar, as flores crescendo (menos o trevo verde do professor que continuava tão verde).

Na festa da Santíssima com todo esse sangue, suor, pelos, vontades. As meninas e meninos curtindo a brisa, um ventinho gostoso que carrega o cheiro do mundo com todas as suas pedras e flores e chuvas e sóis. Os meninos bebericam cachaça pura escondido, porque os adultos não podem saber. As meninas cochichando, provando da cachaça e fazendo cara feia. Umaz gotas escorrem pela boca trêmula. Nervoso e prazer. Todos encostados na beira da igreja, conversa vai e vem, quem vai beijar quem? Celestino, tímido, não quer beijar nem tem vontade. Inventava uma desculpa para Ana e Josiane. Essas vão ficar com raiva para longe, perto dos meninos mais velhos que possuem mais pelos, voz mais grossa. Celestino só olha, conversa com outros, ri, toma a cachaça com experiência. Ronaldo e Conceição saem para trás do chafariz que fica atrás da igreja. Vão beijar de língua e tudo.

Sem saber que hora começou, as árvores começam a tremer, as pedrinhas a andar como se fossem vivinhas, o rio ao lado vazava sangue da terra. Como se a terra quisesse dizer alguma coisa: primeiro baixinho, depois forte, a porta da igreja querendo dizer, abrindo e fechando. Tudo tremendo. São os corpos tremendo? A cachaça mexendo a cabeça? Mas os adultos começam a cair, barracas da festa caíram, tudo rodopiado e ventado. O frango sorteado no bingo começou a voar manso, depois voou com toda velocidade, canjica a voar. Conceição surge com cara suja de batom. Corre gente. Corre e vão todos para dentro da igreja. Celestino não. Precisa correr, ir para casa ver os avós. Vai no meio da rua que está vazia, apenas com folhas e pedaços de coisas voando. Vai sozinho. Chega em casa confuso das ideias, de tudo. Mas o que será? Tudo sem luz, Celestino abre a porta e seus avós? Acende a vela, mão tremendo de medo, de bebida misturada? Vai com a vela chamando “vô” e “vó”. Estão dormindo. Dormem e estão roncando. Sono de paz, sono de sonhos bons, sono descansado.

Celestino chega ao quarto: a cama mudou de lugar, tudo mudando de lugar. A terra está arrotando, dizendo, talvez seja o peso do mundo, talvez. E quem vai dizer?

No dia seguinte saberiam dizer: a terra deu uma ventania.

### 2.1.6 Capítulo VI

A terra deu uma ventania ou foi a ventania que deu na terra? Em lá não podiam explicar. Não só as casas acordaram reviradas, mas também os pensamentos pareciam ter ficado embaralhados. Os avós de Celestino que dormiam profundamente não ouviram nada a não ser o habitual som dos roncos que ambos faziam todas as noites. Era um som forte, mas que não incomodava. A avó do Celestino diz que ouvir seu marido roncar é como cantiga de ninar, ela vai caindo no som de mansinho e quando viu já dormiu.

Celestino acordou mais cedo que o habitual. Estava com sede e outras diferentes vontades. A água tinha um gosto de amargo ou sua boca que devia estar amarga. “É o bafo de cachaça”, pensou. Então, a cachaça é uma coisa que demora na língua e pelo visto no estômago percebendo sentir certo enjoo. E devo ainda de ter cachaça na cabeça.

E, olhando lá fora as roupas voadas do varal, o celeiro das galinhas com pedaços dependurados, sentiu cachaça nos olhos, porque nunca teve assim a vontade estranha de ficar tanto tempo olhando e desolhando. Não conseguia saber.

E teve uma ventania dentro de mim. Parece. Mas as coisas aqui fora também estão encachaçadas, bêbadas, doidas, malucas, caindo. O sol, o sol brilhava com tanto empenho. Uma luz que não deixava escapar nada.

Pouco depois ouviu um grito lá fora:

— Celestino, tão te chamando.—Gritou a avó que estava sentada no sofá

Não tinha ainda ido à rua para ver que estava dentro e fora do lugar. As casas estavam no mesmo pedaço de terra, apenas as pedras tinham rodado de lugar. E para onde foram?

— Está tudo bem, Celestino?

— Está Tiziu. O que aconteceu na noite passada?

— Deu vento na terra. Estamos passando de casa em casa para ver se está tudo na ordem. Mas só tremeu mesmo e só as coisas que caíram no chão.

— Aqui está tudo bem, o celeiro que está meio desmontado.

— Precisa de ajuda? Seus avós estão bem?

Da calçada, Celestino podia ver seus avós. Estavam tranquilamente ouvindo rádio. O avô perseguia uma mosca com os olhos.

— Estão bem sim. Tá tudo bem, Tiziu. Se precisar de qualquer coisa, estou aqui. Vou lá arrumar o celeiro.

E, enquanto Celestino martelava um pedaço de madeira no celeiro, sua cabeça dava voltas tentando entender o que faz aquele vento ventar e tremer tudo, pensando dispensando, se desabando de pensar. O pensar nos avós ficou ficando em sua cabeça. Se acontecesse alguma coisa assim que fizesse tudo mudar de vez? Pela primeira vez, Celestino deu conta de pensar num depois, num amanhã que nunca existia porque era amanhã, mas que poderia chegar. E o que mais poderia ser.

Seus avós ouviam música do rádio, mas Celestino não ouvia nada. A música só ia até o corredor, depois perdia a força e morria.

As galinhas corriam agitadas, as flores insistiam em ficar bonitas, pareciam não ter sentido tremor. Pareciam não desconfiar do que aconteceu. Mas nem Celestino podia dar conta.

## 201.7 Capítulo VI

Os dias foram passando e passando, um depois do outro e depois mais alguns, as coisas da vida estavam pouco a pouco retomando o lugar do aceitável. Terra venta e é remexida porque assim acontece, um nasce porque nasce, as plantas possuem cor porque possuem, o saco de arroz aumentou alguns centavos e as provas de fim de ano da escola deveriam acontecer em uma semana.

Galinha assada, café de manhã, pão do Tiziu, os meninos vez ou outra continuavam cachaçando e Celestino ia de vez em quando também aprendendo a controlar o quanto que se bebe. Uns meninos gostavam de beber até cair, falavam coisas que até então ficavam escondidas, só pipocando de leve na cabeça, por isso encachaçavam, bebiam e tinham coragem até de passar mão na menina. Um garoto disse que é bom tomar colher de azeite antes, assim no dia seguinte a cabeça roda menos.

E pronto: Celestino aprendeu a tomar colher de azeite, aprendeu. Ia aprendendo cada vez mais. Na escola ia aprendendo os mapas e mais um monte de coisas que tinha acontecido em terras distantes. Em casa, seus avós falavam dos gênios que tomavam conta de palácios, do médico Dubã que conseguia cura para tudo e de pessoas transformada em cães.

Um dia, na escola, começaram a falar do futuro, alguns iam para a cidade vizinha estudar um ofício das gentes estudadas, outros iam continuar plantando, Ronaldo queria viver de marinheiro. Mas aqui não tem mar, Ronaldo! Mas nada impede de viajar para perto do mar. E todos ficaram animados com a ideia do colega: “Você pode trazer coisas do outro lado para a gente, Ronaldo!” E assim começaram a preparar, desde já, uma grande lista de presentes para que Ronaldo não esquecesse nadinha. Conceição ia ser professora: “Vou ensinar para nossos filhos”. E todos ficaram muito felizes de já terem garantido a professora dos filhos deles. E quem vai casar com quem? Celestino casa com Josi e Ana! As duas meninas deram gritinhos e Celestino disse que só casava com uma, senão ia ser confusão demais. E assim a conversa foi tão animada que todos mal podiam esperar para chegar o futuro: “Onde ele está que demora tanto?”

Celestino chegou em casa vibrando, queria logo falar do futuro. Queria saber do seu futuro, do futuro dos avós, uma coisa interessante pensar numa coisa assim tão pra frente: o futuro. Ligou o fogão. Só precisava aquecer o ensopado. Estava tudo prontinho. E foi cantarolando até a sala encontrar os avós.

— Vô e vó vocês não sabem quem aguarda a gente!— Foi passando pelo corredor.

— O futuro!— Celestino já na sala.

— Vocês estão brincando de esconde? Mas logo agora?

— Está bem, está bem. Depois eu conto tudo. Mas olha, daqui a pouco a comida tá quente. Não podemos brincar tanto.

Celestino foi debaixo da cama. Lá eles não estavam. Sempre foi tão divertido brincar de esconde com os avós. Um dia desses, seu avô estava no celeiro escondido fingindo que era galinha. Numa outra vez, sua avó foi para perto do varal fingindo ser roupa esticada.

Celestino procurou atrás do sofá, lá fora, galinha correndo de um lado, de outro. Já podia sentir cheirinho de ensopado vindo lá de dentro e parecia uma

delícia. E Celestino entrou no banheiro, entrou nos quartos, foi até lá na rua. Passava um carro, na rua agora só poeira. Nem gente, nem os avós.

E correu, correu para a cozinha. O ensopado estava queimado. Fazia tempo que não via ensopado queimado. Ia ter que cozinhar de novo. Mas onde estavam seus avós? E começou chamando, chamando e chamando. Depois berrou, gritou. Nada. Eles eram meio surdos, mas nem tanto.

Celestino já nem sabia, que nem quando encachaçado, qual era a hora daquele momento, há quanto tempo estava procurando seus avós. E recomeçou a procurar, como se nunca os tivesse procurado. Teve a ligeira sensação de que estava vivendo sonho de quando se dorme, quando uma história dentro da cabeça acontece e parece que passam dias e anos. Aí, de repente, acorda e percebe que apenas um minuto se passou. Tanta coisa acontece lá dentro de cada um. Quanto tempo cabe dentro de um sonho? Quem sabe tinha dormido quando chegou da escola? Sem querer cochilou. Esses cochilos que não se percebe, mas são tão capazes que fazem tudo em volta apagar. E no sonho do seu cochilo estava procurando seus avós e até o ensopado tinha queimado. Então, tendo a sensação de acordar do cochilo, recomeçou a procurar os avós. Tinha chegado da escola e cochilado, pronto. Devia de ser. Foi procurar debaixo da cama. Não estavam. Nem no celeiro. Da última vez, seu avô estava escondido lá, fingindo ser galinha e a avó estava do lado do varal, fingida de roupa esticada. Foi até lá na rua, mas na rua só poeira. E começou chamando e chamando, mas depois não houve outro jeito e começou a berrar. E no momento da berração lembrou que não tinha cochilado. Podia ser que nem tinha acordado ainda da noite anterior. Nem na escola tinha ido porque ainda era bem cedinho, era hora de levantar e Celestino podia ter sonhado sobre essa história de Ronaldo querer ser marinheiro e dos avós se esconderem. E tudo que tinha acontecido desde cedo não passava de uma história que acontecia na sua cabeça enquanto dormia.

Acordou. Seu coração num disparado.

Era bem cedo, as galinhas no cocoricó. Acordou tão cansado, como se estivesse acordado enquanto dormia. Abriu a janela. Sentiu o friozinho gostoso da noite que se despedia da rua para dar lugar ao quente do sol.

E bem automático foi fazendo tudo que faz todas as manhãs. Aos poucos ia esquecendo do cansaço que seu sono lhe dera, ia esquecendo um monte de coisa. E ia lembrando que precisava preparar o café, que tinha de ajudar os avós tirarem

o pijama, que ia encontrar com Ronaldo no meio do caminho e que na escola iam falar sobre os mapas e acontecimentos, talvez aprenderia algo novo, talvez até falariam sobre o futuro. Ia lembrando e lembrando. E foi chamar os avós para o café.

E na cama não estavam e nem debaixo dela. Lá fora na rua muito menos. No quintal, o celeiro coberto de geada, só vazio e as galinhas agitadas. “Galinha, sossega!”

Seus avós não estavam em lugar nenhum.

### 2.1.8 Capítulo VII

Havia passado muitos dias do desaparecimento dos avós de Celestino e seu corpo doía menos quando pensava na possibilidade de encontrar o lugar dos nenhuns, onde habitam todas as coisas e sentimentos que o homem não consegue encontrar com os próprios olhos. Os avós estavam em lugar nenhum, e onde fica esse lugar do nenhum, deve de existir em algum lugar, pensou Celestino.

Era uma tarde fresca cheia de poeira vindo da rua. Celestino convocou seus colegas para um encontro de despedida, precisava partir o quanto antes, pois seus avós deviam estar sem tomar banho há muitos dias.

— Mas por causa de que a gente não pode ir com você?— perguntou Josiane.

— Vocês precisam tomar conta da casa, e, se vocês forem comigo, vão deixar mais gente faltando aqui. Já basta meus avós terem desaparecido, quanto menos pessoa sumir, melhor.

— Você sempre fica com a parte mais interessante.— disse Ana.— Comigo não acontece nada de emocionante assim.

— E também a gente tem as flores que Celestino deu pra cuidar. Se eu deixo para meu irmão regar não é a mesma coisa.—disse Ronaldo, sabendo na cabeça que era melhor nem dar confiança para os chiliques de Ana. Ele sabia que a menina estava de melindre porque Celestino não queria saber de beijo de língua com ela.

— Você fica com a chave da casa, Ronaldo. E vocês vão variando com a limpeza, cada dia um, cada dia uma coisa, não tem mistério nenhum. Tem que deixar tudo pronto pra quando a gente voltar.

— Conceição, que é boa das organizações, trata de ficar com esse dinheiro aqui. O que faltar você compra. Já fechei a conta no Tiziu. Vez ou outra vocês fazem um almoço aqui para não perder o cheiro de casa vivida.

Depois de Conceição anotar no caderno todas as obrigações com letra caprichada, os colegas se abraçaram. Queriam dizer coisas que estavam em nenhum lugar. Coisas escapadas e sem jeito.

— Vai ser a casa mais bonita da rua, você vai ver.— disse Ronaldo, muito orgulhoso da tarefa que tinha recebido e feliz por ter um amigo tão bom como Celestino.

É a primeira vez que Celestino experimenta a estrada que segue depois da rua em que mora. Ele não pode dizer coisa nenhuma porque é um sentimento que está tão dentro dele que ao mesmo tempo foge.

— Dessa vez meus avós resolveram esconder longe demais. Será porque estou com tamanho maior?

Ele anda sozinho pela estrada e era tanta voz dentro dele. Nunca tinha reparado que tinha tanta coisa dentro dele. Nem pode se sentir sozinho: dois braços e duas pernas, tantos órgãos que carrega, ainda essa coisa dentro da cabeça que vai e volta, um pensamento gordo e com espaço, como se a estrada estivesse dentro dele também. Ele sente a estrada tão forte, cada poeirinha, cada inho invadindo seu corpo. As árvores que passam, árvores de dentro dele também. E seus colegas ficando lá atrás, mas ainda pode ouvir a voz deles, quase ver, vendo e não vendo, fazendo parte de tudo, como se descobrisse que tudo que está lá fora está dentro dele. Então se viu andando na estrada, mas a estrada também era ele, pisando nele próprio, então andou devagar, como que cuidando de cada passo para não machucar a estrada, para não machucar a si próprio. O tudo de lá fora é dentro dele e nem podia sentir saudade de nada porque era tudo tão guardado dentro dele. Nunca tinha conhecido o médico Dubã que curava todas as doenças, mas só de saber dele, parecia que o carregava e se tornava Dubã também. Celestino anda e carrega todo o mundo dentro de si, não é pesado nem nada. Ao contrário, Celestino confia em cada pedaço seu.

Vai andando e andando, relembra as histórias que os avós contaram. Talvez eu deva bater na porta de uma casa amarela na próxima cidade. Quem sabe as três irmãs não me acolhem? Vou precisar dormir alguma hora, descansar as pernas. Meus avós devem ter ido longe. Lá em casa ficavam com preguiça de se mexer, mas quando saem recuperam as forças. Talvez a casa das três irmãs fique perto, talvez elas me convidem para passar a noite, talvez eu finalmente descubra o segredo delas e, assim que descobrir, guardo para contar para a vó. Ela vai gostar de saber.

Depois de tanto andar, Celestino tenta expulsar um sentimento intruso. O sentimento saudade. O sentimento de, de repente, deixar escapar tudo que estava há tão pouco tempo dentro dele. Seu avô seguindo as moscas com os olhos, sua avó se olhando no espelho e se achando bonita. Por que está forçando seu pensamento nessa lembrança? Por que aos poucos ia perdendo tudo, tudo e toda a confiança que tinha, a certeza que seus avós estariam logo ali. E, no meio da estrada, Celestino quer que tudo que está dentro vá para fora, não quer fazer parte de nada. E continua andando pela estrada

### 2.1.9 Capítulo VIII

Quando o caminhão apareceu, Celestino não soube pensar há quanto tempo exatamente estava andando, não sabia se de dentro saía fome, mas de dentro do caminhão apareceu um rosto que era de mulher.

— Ei, menino. Está indo para onde?

Celestino não disse nenhum nada. Nem sabia se era vontade de ver os avós ou até mesmo se era a cara daquela mulher tão coisa que chegava até seu estômago.

— Entra aí, menino.

E Celestino subiu pensando que talvez fosse parte da brincadeira dos seus avós colocar um caminhão governado por uma mulher na estrada, como uma pista do esconderijo deles, só pode. Quem sabe não estava, finalmente, conhecendo uma dessas mulheres vinda de outros cantos que seus avós tanto contavam, talvez ela soubesse alguma coisa sobre os avós.

— Eu realmente queria saber dos seus avós, meni...

— É Celestino que chamo.

A mulher sorriu com os dentes mais brancos de todas as bocas já abertas e Celestino teve tempo de percorrer cada um deles, individualmente, um de cada vez, uma ponta da língua escondida na boca, e sem querer foi parar nos fios de cabelo dela, um deles tinha voado para o volante, o cabelo voava e voava.

— E meu nome é Maria.

E desistiu de falar dos avós porque não dava para explicar e não entendia o que explicar. Sentia que só ele podia saber o que realmente acontecia, mas mesmo quando tentava entender e explicar, tudo fugia para os cantos escondidos da estrada. Ao seu lado Maria.

— E para onde tá indo?— Ele pergunta.

— Encomenda.

— E depois?

— Mais encomenda.

— Você vive de encomenda?

— Posso dizer que sim. E você de que vive?

Celestino, nunca na vida, ouviu essa pergunta.

— Por enquanto, vivendo de andar mesmo.

— Melhor ir de caminhão do que ir a pé, não é mesmo?

### **2.1.10** **Capítulo IX**

Pararam no fim do dia quando já estava escuro. Era um posto de gasolina e muitos caminhões estavam parados ali. Quanto caminhão! Além do posto de gasolina, havia um restaurante e uma pequena pensão. O lugar estava cheio de gente. A maioria homens de todos os tipos que transportavam cargas de tudo quanto é jeito e tamanho.

— Precisamos parar um pouco para descansar. Preciso beber alguma coisa.— Diz Maria

— Eu também preciso beber alguma coisa.

— Ótimo.

Maria saltou do caminhão com leveza.

— É bom você estar comigo. Você é mais interessante que esses brutos cabeludos.

— Que brutos?

— Os caminhoneiros. Já viu alguma mulher bonita dirigir carga de caminhão?

— Até agora não.

— Pois é. Nem eles se acostumam que sou a única mulher do pedaço.

Celestino foi caminhando para o balcão do restaurante que tinha cheiro de comida e moscas. Deu uma olhada em volta só por garantia. Não, ali seus avós não estavam escondidos. Só homem muito cabeludo, um outro careca que carregava bandeja com a comida e as moscas indo atrás. Colocou os cotovelos no balcão:

— Dá duas doses, por favor.

Maria, que chegava do banheiro, chegou perto de Celestino. Ela tinha soltado os cabelos para o ar.

— É cachaça mesmo que quer tomar?— Aqueles dentes de Maria.

— E tem outra coisa?

— É mesmo. Não tem nada melhor para tomar agora. Ei, espera para brindar, Celestino!

E fez cara de dessabido que brinde mesmo nunca tinha feito.

— Tá bom, eu falo primeiro. Um brinde para nosso encontro. Agora é sua vez.

— Um brinde para encontrar meus avós.

Maria se desmanchou num sorriso que tudo atravessava. Depois fechou um pouquinho os olhos e a pele do rosto parecia fazer pequenas ondinhas, nuvenzinhas fofas e leves desciam pelo pescoço e ombro de Maria. Um fresquinho quente.

— Eu te ajudo procurar. Eu já ando até o fim do mundo mesmo. Você pode ir comigo. Uma hora a gente encontra eles.

— Talvez eles tão no fim do mundo mesmo.

Dali a pouco Celestino tinha falado pouco e ela menos ainda. Ficaram num tal de olhar e desolhar, aquela cachaça, como na ventania do passado, mas dessa vez tinha nuvenzinha por todo lado. Estavam descobrindo alguma coisa que parecia estar escondida desde sempre.

A nuvenzinha em volta de Maria foi ficando mais branquinha, e mais e mais. Saía do cabelo, das pontas dos dedos, do calor da língua, fitas amarelas, pequenos caracóis de pedrinhas brilhantes. De repente mais cores transbordavam e pulavam. Quanta cor e tudo misturado dentro e fora de Celestino e Maria: quentinho, fresquinho, arrepiozinho, geladinhos mais arrepios. Encosta, não encosta. Desencosta e encosta. Purpurina. Tudo saía dos olhos desses dois que estavam enroscados numa onda que os prendia de forma mansa e quente. Toda a quantidade de cor que saía dos olhos deles se juntavam e davam estrelas de piruetas, cambalhotas, doidisse. Delícia sentir vivo.

E foi tomando corpo tudo que existia no mundo, tudo que era só dúvida era agora toda uma única certeza: dinossauros perdidos, lendas esquecidas, sapos falantes, anéis perdidos, estava tudo achado naquele momento em que Maria e Celestino se olhavam.

Até que não era mais preciso pedir nada ao garçom, não precisavam de coisa alguma porque tudo que precisavam estava dentro deles, daquela onda que expirava raios de cores nunca descobertas.

E silenciosamente chegaram ao quarto da pensão. E silenciosamente Celestino tocou Maria que silenciosamente passava os lábios no pescoço de Celestino, que foi sentindo toda a pele de Maria que se se deixou ser conduzida por Celestino, que brincou com as pontas dos dedos de Maria, que sorriu nas orelhas de Celestino, que sentiu os fios do cabelo de Maria embaralhados em seu corpo. Celestino e Maria sentiram silenciosamente a explosão de algo mais silencioso ainda: a paz de se sentirem completos. Celestino e Maria. Maria e Celestino.

### **2.1.11**

## **Capítulo X**

A janela do quarto da pensão estava aberta deixando a luz identificar todo o espaço e objetos daquele local. Uma cama e um armário de madeira velha. O lençol era curto demais e assim que Celestino acordou viu primeiro seus enormes pés quase para fora da cama. Nem queria acordar porque sonhava com Maria. Depois lembrou que seria melhor ainda acordar porque assim poderia viver Maria, não apenas sonhá-la.

Estava na cama sozinho. Ficou um tempo olhando a porta do banheiro que estava fechada. Não disse nada. Queria esperar Maria sair do banheiro.

Por um pedaço curto de tempo se esqueceu dos avós. O cheiro da noite passada, as delicadas mãos de Maria, o sorriso branco e todos os segredos que ela carregava e desvendava ao mesmo tempo só de olhar ele. Maria era pergunta e resposta juntas.

“Como Maria está demorando. Vou dormir e sonhar um pouco mais.” E foi sendo levado pelo pensamento-Maria. Esqueceu-se de novo dos seus avós. Mas aí abriu os olhos. Dessa vez não deixando escapar nada. “Eu e Maria vamos encontrá-los.”

Passaram-se muitos momentos de tempos duros e demorados. A porta do banheiro não se abria e pode até ser que nesse tempo todo tenha passado um dia inteiro porque agora Celestino percebe pela janela a noite chegando azul escuro.

Nesses intervalos de tempos duros e intermináveis, Celestino tinha aberto a porta do banheiro algumas dezenas de vezes. Havia entrado no banheiro outras dezenas de vezes. Até na recepção da pensão havia ido. Ninguém havia visto Maria.

O caminhão continuava estacionado.

Celestino percorreu o mesmo trajeto algumas centenas de vezes nesse mesmo dia onde tudo estava assombroso e enjoativo. Celestino foi até o banheiro e vomitou. Tinha medo. E tinha saudade.

E tudo era tanta dor.

Voltou para a cama e deitou. Quem sabe dali a alguns instantes Maria não entraria?

Mas Maria não apareceu e depois de alguns dias na pensão, Celestino percebeu que ali não era lugar de encontrar pessoas desaparecidas. Não iria mais esperar Maria. Iria encontrá-la, iria encontrar seus avós.

O jeito era partir logo. E pensou que voltar para sua casa era o melhor a fazer. “Meus avós e Maria podem estar embaralhados e perdidos no mundo, mas sabem de onde sou, onde posso estar. Preciso voltar, preciso voltar, agora.” E sentindo como se eles já pudessem estar indo ao seu encontro pegou a chave do caminhão que estava ao lado da cama.

Nunca havia dirigido carro ou caminhão, mas, se tantos fazem, não deve ser complicado. Subiu no caminhão e lembrou que não tinha procurado Maria na parte de trás do caminhão, onde se carrega as cargas de encomenda.

Saltou do caminhão e abriu a enorme porta de metal. Nada de Maria. Mas aos montes estavam ali, em todos os tamanhos, pedras. Então essas são as encomendas de que Maria vive. Maria vive de carregar pedra.

Celestino até pensou em descarregar todas as pedras para o caminhão ficar mais leve, será que caminhão mais leve é melhor de dirigir? Mas quando encontrasse Maria ela não ia gostar nada disso, ia ficar sem encomenda. Ah, bobagem, preciso ir.

Celestino acelerou o caminhão e seguiu a estrada. No começo pensou que aquele caminhão parecia um enorme animal raivoso. Tinha barulho e velocidade. Mas com jeito poderia controlar. Celestino é quem guiava a máquina.

Passou tanta coisa acelerada em volta de Celestino. Árvores, montanhas, sol e chuva. De longe via umas vacas, mas não podia demorar olhando nada porque tinha muito asfalto pela frente, precisava guiar a máquina até sua cidade, até Maria e seus avós.

Maria doce, melhor do que tudo junto nesse mundo. Seus avós vão amar Maria. Celestino teve tanta vontade de Maria, o coração de Celestino estava tão rasgado, ao mesmo tempo carregava a certeza do encontro que aconteceria. Um tipo de sentimento que não podia separá-los. Ele carregava Maria e seus avós no peito, aguentaria tudo, suportaria tudo para poder encontrá-los. Vai pedir Maria em casamento. Quer viver com Maria. Viver e viajar com Maria. Seus avós estavam velhos, mas poderiam ir com eles, tanto pensamento encostado em Celestino. Foi passando tanto pedaço de chão que, de repente, num rápido, Celestino percebeu que chegava a estradinha de terra que dava na sua cidade.

“Ronaldo vai querer subir nesse caminhão assim que me ver chegando”, Celestino sorriu de pensar no amigo. Quanta gente especial existia em sua vida, quanta sorte. Celestino teve gratidão. Uma pena eles terem que sumir assim, sem ao menos avisar. Mas isso passa, isso passa.

A estradinha de terra parecia maior. Era tanta vontade de chegar, tanta vontade. Ia contar tudo para os amigos.

O caminhão governado por Celestino foi passando a estradinha de terra, e tanto tempo foi passando que Celestino deu um estalo de dor. Celestino foi

seguindo com o caminhão, depois voltou com o caminhão e fez tantas idas e voltas e desconfiava de alguma coisa dolorosa.

Sem ser avisado, a cidade de Celestino deixara de existir do mapa. Assim como seus avós e Maria. A cidade desaparecida havia não apenas levado sua casa, seus amigos e o mercadinho do Tiziu, mas também todo o seu passado.

Um grito que não foi gritado fez eco em todos os mundos.

Agora tudo que Celestino tinha era um caminhão carregado de pedras e nenhuma história. Depois de sentir uma febre tomar conta da sua pele, desligou o caminhão, sentiu tanta água salgada entrar em sua boca que acabou adormecendo em cima do volante.